

Família, adolescência e trans-identidades^{1 2}

Rosely Pennacchi
Sonia Thorstensen
Tania M. Zalcberg

Resumo As autoras propõem uma reflexão sobre as angústias identitárias, comuns na adolescência, e sua interrelação com as experiências na vida familiar pregressa. Os atendimentos individuais de dois adolescentes e de suas mães foram realizados pelas autoras e serão identificadas pelas iniciais da profissional que realizou o trabalho clínico.

Palavras-chave Adolescência, disforia de gênero, identidade.

Rosely Pennacchi é pedagoga, psicóloga clínica pela PUC-SP, psicanalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, membro fundador da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família. Foi professora do curso Família: Origens e transformações na contemporaneidade e seus efeitos na educação do COGAE-PUC-SP.

Sonia Thorstensen é psicóloga clínica pela PUC-SP, psicanalista, mestre em Educação pela Universidade de Stanford, mestrado e doutora na PUC-SP em Psicologia Clínica-Psicanálise, membro fundador da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família, membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família.

Tania Mara Zalcberg é psicóloga pela PUC-SP, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, filiada a FEPAL/IPA, coordenadora editorial do Livro Anual de Psicanálise, coordenadora do curso Abordagem Psicanalítica da Adolescência no Instituto Sedes Sapientiae, professora do CINAPSIA – Curso Introdutório à Psicanálise da Infância e Adolescência da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1 Para proteção da confidencialidade todos os nomes e demais características identificatórias das pessoas a que este trabalho se refere foram cuidadosamente modificadas.

2 Este trabalho foi apresentado no IV Simpósio da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família, 18/19 maio de 2023, no Rio de Janeiro.

Caso Manu – “Hoje estou no masculino”

Fluidez de gênero e angústias adolescentes (S.T.)

Trata-se de um caso de identidade fluida no qual a relação conflituosa com mãe e pai e o “bullying” que sofreu, por muitos anos, nas escolas em que estudou, se entrelaçam com as questões de gênero apresentadas.

Maria (36 anos, separada), e Manu, sua filha (16 anos), me foram encaminhadas pela escola. Manu se dizia de gênero fluido e ficava muito agressiva quando a chamavam pelo gênero que não era o que ela estava vivenciando no momento. Além disso, apresentava um quadro de muita ansiedade persecutória, insônia e agressividade que interferiam em seu rendimento escolar. Manu tem uma irmã mais nova que se diz menino. Mãe e a filha mais velha brigavam muito e Manu também brigava na escola, causa das frequentes mudanças de instituição.

Manu não aceitou ser atendida junto com a mãe. Combinou-se que eu atenderia Manu e a mãe foi encaminhada para uma colega.

Manu começou a pensar que era trans/fluida há 2 ou 3 anos, o que coincide com a separação dos pais. Havia violência verbal em casa, por parte do pai, mas a mãe o amava mesmo assim.

Manu tem asma e aí não consegue respirar, chora, quase vomita. Às vezes passa dias sem tomar banho, sem lavar o cabelo, “até uma semana já fiquei sem tomar banho. Tive crises suicidas muitas vezes. Penso em me matar para ter um pouco de paz”. Tentou uma vez, mas a mãe impediu. As brigas com a mãe costumam deflagrar



*a mãe foi contra Manu
consultar um psiquiatra,
o que só aconteceu depois
de muita insistência. Ela não
tomava as medicações de forma
correta, interrompendo
por conta própria*

as crises de asma e também o fato de ser rejeitada ou excluída na escola.

A mãe foi contra ela consultar um psiquiatra, o que só aconteceu depois de muita insistência. Manu não tomava as medicações de forma correta, interrompendo por conta própria.

No início do atendimento Manu se colocou como masculina (“estou no masculino”). E passou a trazer, com grande dor e revolta, o “bullying” que sofreu desde pequena por ser parda e estudar em escolas de maioria branca. Conta que, como filha mais velha e neta mais velha, foi muito mimada quando pequena e que a entrada na escola foi um choque. “As colegas eram brancas, cabelo liso, magras, curvilíneas, eram as legais, as populares, e eu gordinho, cheio de corticoide, perna peluda, corpo liso. Minha mãe é branca e meu pai negro. Eu tentava me embranquecer, fazia esfoliação, alisava o cabelo, me fazia mais branca nas fotos, o nariz mais fino com a maquiagem; tenho lábio grosso de duas cores, vivia passando corretivo na boca e nos lábios. Durante muitos anos foi assim. Minha mãe queria que eu passasse por asiática, porque tenho herança indígena e meus olhos são puxados”. (Nessa fase, suas fotos no “whats” eram de garotas ou bonecas loiras ou asiáticas). “Eu me esforçava, na maquiagem e alisando o cabelo. Tinha medo de não ser cis, procurava validação nos meninos. Algumas colegas evangélicas falavam em aberração. Mas eu era elogiada pela inteligência, os professores gostavam

de mim. No nono ano eu chorava todo dia na escola e ninguém estava nem aí. Um colega falou para outro: “Te pago para você ficar com ela”. Por um ano fiquei sem comer na escola, só água e café com leite. Nenhum professor ligava”.

Acabou por mudar para uma escola pública (ao longo de 14 anos de vida escolar cursou 9 escolas). Passou então a se apresentar com muita maquiagem “artística” e roupas misturadas de menina e menino. Mudou o nome na escola para um nome neutro e retomou a boa qualidade de seus estudos. Usa cabelo curto e frequentemente muda de cor, metade da cabeça de cada cor

Por volta da oitava sessão contou para a analista: “fui para o feminino de novo. Conteí para minha mãe e avisei a todos porque as pessoas se confundem”.

A: “Como surgiu a mudança?” Ela responde: “Foi natural, me sentindo mais feminina. Um dia acordei confortável no feminino. Mas fico insegura em relação às outras meninas, não sou feminina o bastante”.

A: O que é ser feminina?

“As garotas femininas têm cabelo longo e liso, rosto angelical, são curvilíneas, usam roupas femininas como bonequinhas, bobinhas, mas são as populares, todos gostam delas, são borboletinhas. Eu tentei ser assim na escola, mas faziam *bullying* comigo, os meninos me chamavam de ogro”.

Manu tem ficado no feminino, com pouca interrupção.

As brigas com a mãe a deixam muito mal.

Nossas brigas são violentas, a gente se xinga, ela diz: “quero que morram, vou pôr fogo na casa, vou sumir e vocês nunca mais vão me ver”. Mas ela não é má pessoa. Quando a gente era criança ela lia livros para a gente dormir. Ela fez curso de propaganda e marketing e adora literatura. Sempre me deu livros e ficava orgulhosa que eu lia bastante. Ganhei dois concursos de redação na escola. Gosto de escrever contos e alguns até tiveram sucesso entre os colegas. Mas aí parei de escrever.

Entra numa nova escola para o último ano do segundo ciclo. Horário integral. A analista propõe

que ela procure não brigar com os novos colegas, criar um novo ambiente. “Lá não tem transfobia. Vou poder ser o que sou”. As fotos no whats passam a ser dela bem maquiada.

Outra briga violenta com a mãe. A mãe odeia o namorado de Manu. Diz que não é para ela.

Manu diz:

Já nem sei o que estou sentindo. Quando brigo com minha mãe quero me matar. Minha mãe é tóxica. Diz que tudo o que me acontece é por culpa minha. Diz para eu não arrumar um namorado pobre e sem estudo. Meu pai é nordestino, fugiu de casa e não estudou. E tem muitas mulheres. Ele é treinador de futebol. Minha mãe quer que eu case virgem ou só transe com alguém muito especial.

Manu tem namorado, mas ainda não transaram; “faço algumas coisas e me sinto culpada. Tenho trauma sexual porque não consigo me masturbar sozinha. Minha mãe ia ficar muito brava se soubesse que eu penso nessas coisas”.

O pai quando ainda estava em casa brigava muito com ela: “Eu chorava muito e ele queria saber o motivo, eu não sabia, ele ficava enfurecido”.

Na nova escola, conta que nunca teve tantos amigos. Conversa com todo mundo. Está bem com a mãe porque está estudando, como ela gosta. Fala sobre seu conflito “entre ser mulher atraente e desejável como as populares, ou ser a garota que eu sou, estilosa”. Usa maquiagem cheia de flores no rosto, cabelo verde.

O namorado terminou com ela. No primeiro momento fica dissociada, diz que tudo bem, continuam amigos. No dia seguinte, teve uma crise de choro e falta de ar na escola, diz que é porque não se sente mulher. Não se dá conta que tem a ver com o término com o namorado. “Estou rasgada por dentro e por fora. Sinto uma dor tamanha que tenho que gritar muito no travesseiro. Me enchi de remédio. Tenho vontade de usar droga pesada”. A analista fala que ela precisa voltar à psiquiatra. Falam da importância do namorado para ela. “Eu preciso sempre ter um namorado. Não aguento ficar sozinha”.



“estou rasgada por dentro e por fora. Sinto uma dor tamanha que tenho que gritar muito no travesseiro. Me enchi de remédio. Tenho vontade de usar droga pesada”

Manu, então, se lembra da saída do pai de casa. Na época também não sentiu nada. O pai brigava muito com ela, mas também a tratava como princesinha. Ela queria muito ser próxima dele.

A analista pergunta o que ela tem em comum com o pai. “O esporte. Sempre fui boa em esportes”. Diz: “quando sigo o estilo do pai sou masculino e da mãe sou feminina”. (Manu se interessa por esportes e pretende fazer faculdade de educação física).

Tem conversado melhor com a mãe, e conta que a mãe continua completamente apaixonada pelo pai. Tem vários paqueras na escola, mas não quer nenhum. Sonha que o ex-namorado está beijando uma menina loira.

Numa sessão chega muito mal. A mãe pediu para ela dizer para o pai que iria fazer uma cirurgia e que o pai tinha que passar o fim de semana com as filhas. Era mentira, ela só queria viajar. Ele disse que só poderia passar a noite. “Veja como ele é mau pai”, Manu comenta com a analista.

A analista mostra o uso que a mãe faz dela para atacar o pai: faz ela mentir para ele. Na sessão seguinte, Manu traz o desenho de um rosto de uma menina partido ao meio. Ela dissocia o que causa nela enganar o pai. Nessa sessão se diz no masculino.

Começa um namoro com F, está no feminino, convive com a família dele.

Passa um tempo bem, mas não está tomando medicação. Começa a encenar com a família



vale lembrar o quanto os intensos sentimentos contraditórios da mãe em relação ao pai (paixão, erotização, raiva e ataque) marcaram Manu em suas oscilações de gênero

de F, brigas com a mãe e com o irmão(ã). Todos são contra ela. Retomando a medicação, Manu se reequilibra de novo.

Este caso me fez levantar a suposição de que o “bullying” nas escolas, em que seus colegas atacavam sua feminilidade de modo intenso, associado ao fato de ela ficar aprisionada nos conflitos entre os pais, – por um lado muito identificada com a mãe, também instável, explosiva e com sentimentos de perseguição e, por outro, com grande identificação com o pai, esportista – a deixaram insegura quanto à sua identidade feminina. Vale lembrar o quanto os intensos sentimentos contraditórios da mãe em relação ao pai (paixão, erotização, raiva e ataque) marcaram Manu em suas oscilações de gênero.

Quanto ao desejo sexual, no entanto, ela o tem dirigido para os rapazes.

Atendimento da mãe de Manu, Maria. (R.P.)

Maria (36 anos) manifestava preocupação com o comportamento da filha Manu, que ora pedia para ser chamada por um nome feminino e ora por um nome masculino e se definia como sexo fluido. A mãe não sabia como se comportar frente a tal situação.

Maria não aceitou conversar com o ex-marido e a filha se recusou a fazer sessões com a família. As relutâncias foram muitas.

Segundo a mãe, Manu se veste como menina com muito charme e faz maquiagens lindíssimas.

Manu é muito ligada à mãe apesar de brigarem muito. Tem adoração pelo pai, segundo a mãe, que se revela ciumenta de tal vínculo.

A preocupação com a “escolha” sexual da filha aparece nas primeiras sessões, mas à medida que Manu começa a ser atendida, a ansiedade da mãe diminui muito e ela começa a relatar suas insatisfações que serão constantes durante todas as sessões.

Maria foi apaixonada pelo pai das meninas. Entre namoro e casamento ficaram juntos 20 anos. Separaram-se há três anos.

No começo do relacionamento tinham uma boa relação afetiva, mas quando ficava magoado, brigava com Maria, usando palavras muito duras e ofensivas, mas era alegre, brincalhão e cozinhava muito bem.

Um dia ele arrumou uma namorada e saiu de casa. Com a separação Maria e as meninas tiveram que restringir muito as despesas. Maria se queixa muito do ex-marido, pois este não a ajuda nem financeiramente nem na logística com as meninas.

Sobre os homens em geral mantém comentários negativos, costuma dizer que o único a quem perdoa é o pai. O pai traiu muito a mãe, mas ela o perdoa porque ele se desculpou com a mãe. (Maria é filha única).

Maria teve alguns relacionamentos depois da separação, está no momento sozinha, pois, de modo geral, desconfia dos relacionamentos. Comenta: “Os homens são todos iguais e nós bem podemos seguir sem vocês. E, além disso, eles nunca estão lá quando realmente precisamos deles”. Ódio e desprezo inundam seu discurso sobre os homens, particularmente quando fala do ex-marido. “Os homens não têm utilidade, os homens não são nada!”

Seu discurso é de insatisfação e de reclamação. Trabalha num escritório de publicidade e periodicamente implica, “cria caso” com algum colega. Não é feliz em promover laços no trabalho e muitas vezes os ataca. No entanto, é considerada boa funcionária.

Quando perguntei a Maria o que a preocupava com Manu, ela respondeu: “Eu não sei o que pensar” e comentou sua inabilidade ou desconhecimento em lidar com Manu em vários setores.

Ao ser indagada sobre sua adolescência e sexualidade, muda de assunto, não fala de seu corpo, quando eu indago que questões seu corpo de mulher lhe traz, revela falta de intimidade com o próprio corpo, não percebendo o efeito desse corpo e não se assenhorando das mensagens e sinais que o corpo lhe envia. Relata que se casou virgem, teve poucos namorados. Relata que nunca sentiu um orgasmo, mas o casal não discutia isso.

Não fala de sexualidade com as filhas. As meninas são muito fechadas segundo ela. Não relata qualquer fala com Manu sobre a questão de sexo fluido.

Um acontecimento: Maria tentou se matar, mas foi impedida de prosseguir no intento.

Quer ser perfeita em tudo que faz. Isso vai aparecer de modo claro no trabalho no escritório. Há sempre o medo de que algo possa não estar certo e quando por vezes não dá certo mesmo, coloca a culpa nos outros.

Quando indagada sobre seu pai, disse que ele era uma figura muito distante. “Lembro-me que tentava dar o melhor de mim para fazê-lo me elogiar. Ele nunca me disse, por exemplo, que eu era a sua menininha, ou que era bonita.”

Maria descreve sua mãe como “uma mulher muito dominadora e castradora”; “foi sempre minha mãe quem teve a última palavra. Fazia poucos elogios e era muito exigente.”

Suas lembranças sobre a relação dos pais não são boas. “Meu pai sempre concordava com minha mãe.”

“Penso que ele tinha medo dela, como eu também tinha. Ela o controlava completamente. Tudo era conduzido para que ela não se alterasse”.

Maria recorda que frequentemente sua mãe dizia que homens não eram bons para nada.

Sua mãe teve um problema cardíaco depois da separação do marido, mal explicado por Maria. Como ela diz “A partir disso a mãe se tornou mais ‘mansa’”.

»»

*a partir da fala de Maria,
a imagem paterna foi recoberta
por uma sombra desprezível e
encoberta por uma imagem materna
onipotente, mas frágil.
Sua mãe oscilava muito de humor
e era muito ambivalente
no que dizia*

A partir da fala de Maria, a imagem paterna foi recoberta por uma sombra desprezível e encoberta por uma imagem materna onipotente, mas frágil. Sua mãe oscilava muito de humor e era muito ambivalente no que dizia.

Como Maria teria lidado com as ambivalências e oscilações da mãe? Qual a imagem de homem e de mulher que formou?

Os primeiros episódios de traição do pai ocorreram quando Maria tinha menos de dois anos e a mãe lhe contou que sofreu muito com isso, deprimindo-se muito.

Mais velha, perguntou para a mãe o que a prendia ao pai.

A essa pergunta a mãe respondeu que queria ter um homem por perto, mesmo que fosse um “banana”.

Penso que esses momentos de desvalia de sua mãe não contribuíram para um reassentimento narcísico de Maria. A falta de investimento durante esse período de narcisismo primário deixou nela uma perpétua ferida narcísica.

Seu discurso é sempre de insatisfação, não esclarece o que quer, não assume claramente seu desejo, mas age com artimanhas e disfarces. Mantém enigmas, mistério sobre suas decisões e certos pensamentos nas relações com os outros. Vive em medo constante de perda de amor. Na possível ameaça se retira e finaliza o relacionamento. Cria intrigas no pensamento para se afastar das pessoas.



desde o início, esse paciente declara-se de gênero fluido, não binário e gostaria de ser chamado pelo nome social escolhido que mais me parecia nome de personagem, não de pessoa.

Proponho em uma das sessões “reclama-tórias” que ela, o ex-marido e Manu conversem sobre o momento de Manu – sexo fluido, organização de estudos, a mudança de casa, os remédios, a falta de dinheiro...

A Menina do Nome Morto (T.Z)

Collyn Ryan é o nome social que darei ao jovem que chegou a mim com pedido de atendimento individual da coordenadora da escola por disforia de gênero, bem como dificuldades de relacionamento e socialização. Foi um início confuso para mim, pois o pedido era para uma jovem, nomeada no feminino. Ao entrar em contato com a jovem, por WhatsApp vídeo, já na conversa inicial fico ainda mais perplexa, pois a jovem recusa-se a declarar o nome recebido ao nascimento por considerar que não fazia sentido citar um nome morto. Desde o início declarou-se de gênero fluido, não binário e gostaria de ser chamado pelo nome social escolhido que mais me parecia nome de personagem, não de pessoa.

A mãe, com quem conversei, diante da ideia de fazer um trabalho vincular, mãe e filha/o relutou. Além disso, mostrou-se perdida diante da mudança ocorrida na/o jovem mais ou menos três anos antes, por ocasião da puberdade. Aparentemente aceita sem grandes questionamentos o que

ocorre com a/o filha/o, mas relata com certa nostalgia a gracinha que ela era quando criança pequena. Chama-o, sempre, no masculino, senão ele fica muito furioso, e por um nome diferente do que o jovem tinha me contado. Collyn recusou a oferta do trabalho de família pois irrita-se com a mãe, que, segundo ele, o envergonha diante de todos.

Decide-se então que eu atenderia o jovem, que fez um bom vínculo comigo desde o início, uma vez por semana, online, devido à enorme distância de sua residência para o meu consultório. Outra colega passou a atender a mãe.

Desde o início do nosso trabalho, a partir de abril de 2022, vou procurando entender em que momento do seu desenvolvimento Collyn “descobriu-se” menino. Especialmente porque a pessoa que eu via em nossos encontros pela tela sempre me pareceu uma menina. Cabelos crespos longos e com mechas descoloridas, unhas pintadas e grandes brincos não me faziam enxergar uma figura masculina, ou de alguém que quisesse se mostrar no masculino. Tanto que muitas vezes a chamei pelo pronome feminino, algo que delicadamente corrigia. Eu buscava acertar, mas na maioria das vezes me confundia. Evidentemente isso me deixava intrigada. O que na minha contratransferência me fazia errar tanto quando eu me esforçava muito para não “ofender” o jovem com quem eu conversava.

Aos poucos o vínculo terapêutico foi se fortalecendo e fui começando a conhecer um pouco do mundo interno desse jovem, muito inteligente, bom aluno, com notas altas em geral, mas sempre bastante crítico e que não se dá com ninguém da classe. Quando os professores exigem trabalhos em grupo, muitas vezes obrigam um grupo a aceitá-lo. Contou-me, com certa tristeza, que os colegas aceitam sua participação, mas depois o excluem do grupo. Ao mesmo tempo, como crítica a todos, talvez sua atitude de certa superioridade seja um dos motivos da rejeição.

Ao falarmos do seu presente e futuro, conta que pretende mudar-se para a Austrália logo que terminar o ensino médio. Já pesquisou bastante e conhece muito sobre o país que admira. Em

nossas conversas certa vez até me mandou um filme que pirateou, pois tem muita habilidade de piratear na Internet.

Não pretende fazer faculdade, gostaria muito de trabalhar com necrópsias, algo que seria mais um curso técnico. Tem pesquisado bastante. Tentou aprender algo a respeito, inclusive buscou cursos recentemente, mas viu-se impedido por não ter ainda 18 anos.

Collyn tem muito talento para desenho. Em muitas sessões me envia desenhos de personagens que cria e de outros que copia. Os criados por ele em geral são personagens andróginos, com características femininas e masculinas. Fico bastante admirada com esse talento e cheguei a questionar se ele não gostaria de fazer disso uma profissão. Respondeu que é apenas um hobby, nada a ver com o que pretende fazer na vida, no país dos seus sonhos. Adora livros e filmes de terror: *Frankenstein*, *O Médico e o Monstro* e vários outros desse teor são seus heróis. Relata longamente todas as versões que leu dessas obras e, apesar do estranhamento, é muito interessante escutar suas opiniões. Seu filme predileto é *Carrie, a Estranha*, de 1976, que considera muito melhor que o outro mais recente. Pesquisa muito a respeito dessas obras e, quando chega do colégio, fica assistindo vários desses filmes e episódios de séries de terror.

Contou-me também que fez tratamento com uma psicóloga antes, mas abandonou indignado porque a profissional diagnosticou que ele sofria de transtorno dissociativo e nem sequer levou em consideração a questão trans, ou seja, o fato de ele ter se declarado menino. Tudo isso fica envolto em névoa, e, na verdade, não chego a apreender exatamente o que o levou a declarar-se do outro sexo. Vou tentando formular algumas hipóteses mas sem chegar à conclusão do que poderia ter ocasionado essa percepção.

Procuo ser muito cuidadosa porque vou percebendo que Collyn precisa de muita delicadeza no nosso trabalho para podermos aprofundar suas questões emocionais.

Além do fato de não ter amigos nem ter tido quaisquer relacionamentos afetivos com jovens da

»
*procuo ser muito cuidadosa
porque vou percebendo
que Collyn precisa de muita
delicadeza no nosso trabalho
para podermos aprofundar
suas questões emocionais*

sua idade, vou ficando surpresa com o que considero uma perturbação emocional que vai muito além do que em geral se poderia considerar disforia de gênero.

Há pouco tempo, ficou muito irritado com a mãe, pois ela assustou-se com algumas reações dele. Temendo que ele pudesse estar sofrendo de depressão, foi à escola tentar descobrir o que estava acontecendo. Muito indignado ele me conta que a mãe o envergonhou diante de todos. Quando tento descobrir exatamente o que aconteceu, ele fica reticente, recusa-se a explorar o tema. Percebo seu desejo de que a única realidade verdadeira seja o que ele considera verdade, ou seja, sendo jovem, adolescente, usa a onipotência adolescente para dar conta tanto do seu mundo interno como do externo.

Há pouco tempo contou-me muito zangado que seus colegas sofrem de transfobia pois insistem em chamá-lo no feminino, algo que o deixa furioso. Reclama também dos professores que o chamam pelo “nome morto” e não pelo nome social escolhido. Quando tento dialogar com ele a respeito dessa questão, recusa-se a discutir. Eles são transfóbicos sim e ponto final! Ou seja, recusa-se a pensar que talvez as pessoas possam vê-lo como mulher, inclusive em função da sua aparência, e não como o homem que gostaria de ser.

Ficou aborrecido com a mãe, pois ela, apesar de procurar aceitar que ele seja “menino” e ter



*o que percebo em Collyn
refere-se à questão que todo
o adolescente vive durante
seu processo de desenvolvimento:
o processo de alguém em busca
de si mesmo, tentando dar conta
de suas questões existenciais,
especialmente da sua identidade*

concordado em ir à escola para autorizar o uso do nome social escolhido, recusou-se a permitir tratamento hormonal com testosterona, argumentando que ele poderia fazer isso quando tivesse 18 anos. Mas, segundo ele, não vai mais adiantar, pois não conseguirá crescer nem engrossar a voz.

Quando procurei investigar seu relacionamento com o pai, que, segundo informação, mora a duas quadras da sua casa, respondeu que não tem contato com o pai, não tem o menor interesse nem deseja qualquer aproximação. O pai foi violento e agrediu sua mãe! Sempre me chama a atenção o fato de que questões ligadas à realidade provocam uma reação de fechamento. Fica lacônico e, em geral, muda de assunto. Mostra claramente que isso o desagrada e não quer continuar a conversa.

Chama também a atenção que Collyn e a mãe morem na casa da avó desde que a mãe se separou do marido violento. Além de dividirem o quarto, dormem na mesma cama de casal. Mesmo não declarando explicitamente, percebe-se uma ambivalência velada à profissão da mãe, que, apesar de ser formada em veterinária, para sobreviver exerce a profissão de dançarina.

Contou-me algumas alucinações que teve em certa ocasião desenhando inclusive o ocorrido. Queria que eu explicasse o que poderia ter ocorrido, tentamos investigar a questão, mas não foi possível chegar a qualquer conclusão. Em outro momento, Collyn considerou a hipótese de que

seria autista pois vê pontos luminosos, algo que segundo suas pesquisas na Internet todo autista vê. Todas as vezes que tenta chegar a algo que possa explicar o que vive e sente manda fotos e artigos do que descobriu em suas intensas pesquisas na Internet.

Num domingo foi com a mãe ao bairro de Higienópolis e tentou entrar em uma sinagoga, pois tinha pesquisado sobre essa religião e gostaria de converter-se ao judaísmo. Não conseguiu acesso e aparentemente desistiu, pois o tema não voltou mais às nossas conversas.

O que percebo em Collyn refere-se à questão que todo o adolescente vive durante seu processo de desenvolvimento: o processo de alguém em busca de si mesmo, tentando dar conta de suas questões existenciais, especialmente da sua identidade.

Nas últimas sessões tem me falado da sua melhor amiga, que, segundo me contou, é sua melhor amiga há mais ou menos um mês e, pelo que pude investigar, era também uma jovem bem isolada do contexto grupal da classe. As duas (os dois?) têm se relacionado discutindo os filmes de terror que admiram.

Tenho inúmeras inquietações a respeito de Collyn e da questão trans. Na medida em que nosso trabalho prossegue e se aprofunda ao mesmo tempo que vejo um ser em profundo sofrimento emocional, praticamente quase sem referências de contatos afetivos com outros jovens da sua idade, começo a formular a ideia de que a questão trans, ou seja, a suposta disforia de gênero, é o menor dos problemas de Collyn. Vou formulando a hipótese de que se trata de uma patologia muito mais grave e o que me fez ter ainda mais convicção a esse respeito é um poema enviado por ele, a meu pedido, em fevereiro, escrito para um trabalho do colégio. Esse poema nos dá sinais de uma perturbação bastante grave tanto em relação ao corpo quanto à mente desse jovem.

Meus pés não me carregam mais
Eu quero arrancá-los logo
Para sonhar com um pouco de paz

Minhas pernas me atrapalham
Eu quero queimá-las essa tarde
Assim conseguirei que elas sumam

Minhas mãos não se mexem
Irei cozinha-las para o jantar
Espero das visitas um pouco de coragem

Meus olhos estão vermelhos como sangue
Irei tritura-los para os peixes
E torcer para que isso os extingue

Minhas orelhas têm um reflexo distorcido
Serão enterradas na floresta
Sem reclamações por serem despejadas

Meu cérebro virou barulho
Seu fim será dilacerado
Dois bandalhos em pedaços.

Atendimento de Julia, mãe de Collyn. (R.P.)

Julia tem 36 anos, me foi indicada pela coordenadora de uma escola devido ao isolamento social de seu filho.

Collyn, já estava sendo atendido por uma colega, tem 17 anos e declarou-se fluido e não binário na puberdade.

Apesar de formada em veterinária, para sobreviver Julia é dançarina e vende produtos de beleza. É uma mulher bonita e comunicativa. Muito orgulhosa, me manda fotos dela dançando.

Aos 17 anos, Julia, engravidou e seu pai obrigou-a a casar. O pai de Collyn bebia muito e a maltratava muito quando embriagado. Ficaram casados por volta de dois anos e pouco. Ao se separar foi morar com a mãe. O pai, que bebia muito, já havia morrido. Ela não fala muito desse pai.

O pai de Collyn, mora bem perto, mas nunca se encontram, nem se falam.

Apesar de morarem juntas, Julia fala muito pouco da mãe, que sai cedo para trabalhar e ao voltar se embriaga constantemente. “Não me dou bem com minha mãe, ela sempre protege meu irmão.”

Collyn não tem amigos.
Mas fica muito abalado quando
é excluído dos grupos de trabalho.
Aos 13 anos disse que era um menino.
A mãe conta que diz ao filho
“você se diz menino, mas pinta a unha,
tem cabelo longo, tinge o cabelo.
O que isso quer dizer?”

Júlia e Collyn dormem juntos numa cama de casal. Durante os primeiros anos de Collyn, Júlia só trabalhava e cuidava dele. Hoje trabalha bastante. Teve vários relacionamentos depois do pai de Collyn, mas nunca os trouxe para casa. Todos os seus namorados a traíram e todos bebem muito.

Diz que a relação com o filho sempre foi tranquila, sempre conversaram muito. Não demonstra sofrimento pela condição do filho. “Até posso entender, tive um amigo de infância que brincava com a gente”. Procura não interferir na “escolha” do filho, acha que ele é que tem que se definir.

Collyn não tem amigos. Mas fica muito abalado quando é excluído dos grupos de trabalho. Aos 13 anos disse que era um menino. A mãe conta que diz ao filho “você se diz menino, mas pinta a unha, tem cabelo longo, tinge o cabelo. O que isso quer dizer?”

Ultimamente, mãe e filho estão brigando muito, penso que se inicia um processo de separação importante para Collyn.

Collyn não quer fazer faculdade, gostaria muito de trabalhar com necrópsias. A mãe explica que ele fala em ser auxiliar de necropsia, na reconstrução facial, deixando a forma e feição das mãos, face e colo o mais natural possível, se necessário fazendo preenchimentos.

A mãe diz que ele se declara assexual.





Zizek se pergunta por que, em nossa era pós-moderna, a “ferida da castração” precisa voltar a se inscrever no corpo, como uma ferida em sua própria carne?

A mãe está em crise com o atual namorado que bebe, usa droga e a está traindo. Ela costuma vigiá-lo depois que ele a deixa em casa. “Eu sempre vou ser assim. Ciumenta!”. Foi confrontá-lo na casa dele, houve agressão física, na polícia ele alegou que ela não aceita a separação e o delegado deu razão a ele.

Julia me diz como que confessando. “Sabe de uma coisa, ver ele com a moça me dói mais do que ele me bater!”.

Considerações teóricas

Com o título Família, Adolescência e Trans-identidades, pretendemos refletir sobre a questão trans a partir do atendimento individual de duas mães e dois jovens que apresentam disforia de gênero.

A pergunta que orientou a reflexão foi: O que pode ter ocorrido na troca entre essas crianças e os pais, no momento fundamental da constituição da identidade subjetiva, para que esses filhos, na adolescência, demandassem cada um a seu modo, uma transformação da sua identidade de gênero e sexual?

Atualmente não estamos diante de um “novo sujeito”, mas as identificações se apresentam sob novas roupagens, sempre submetidas ao que é socialmente valorizado, transformando concretamente as diferentes experiências sexuadas dos seres humanos.

Não entendemos bem as sexualidades que surgem no momento. Não temos respostas, conhecimentos sobre muitos aspectos, nos atrapalhamos nas palavras para expressar o gênero das pessoas. É preciso ter cuidado para não tomar tudo como patológico.

O pedido de mudança, de reforma, de transformação desses jovens é o testemunho do fato de que as relações entre o sexo biológico e a identidade de gênero e sexual são extremamente complexas e de nenhuma maneira auto evidentes.

Como se localiza o adolescente em seus processos de remodelação?

O encontro com o real do sexo e do corpo exige a elaboração do luto do corpo infantil e a invenção de outro corpo, construção de uma nova imagem que envolve novo lugar na sociedade, mudando fronteiras e territórios.

Zizek se pergunta por que, em nossa era pós-moderna, a “ferida da castração” precisa voltar a se inscrever no corpo, como uma ferida em sua própria carne?

Zizek mostra que quando hoje uma garota perfura as orelhas, as bochechas e os lábios vulvares com anéis, a mensagem não é de submissão, mas de “desafio à carne” a jovem converte aquilo que numa sociedade tradicional seria o modo de submissão ao grande Outro simbólico da tradição em seu oposto, na exibição tão peculiar de sua individualidade. Como se, na atualidade, faltassem recursos simbólicos que orientem a conduta dos jovens.

Algo disso estaria relacionado à questão das mudanças de sexo, tema tão atual?

Nosso corpo muscular, ósseo, nossa fisiologia é radicalmente transformada por um banho de linguagem vindo dos que cercam o pequeno ser mesmo antes da concepção e nossa identidade masculina ou feminina é construída a partir das pessoas significativas na nossa infância e adolescência.

A subjetividade é colocada em exercício sob o olhar do Outro,³ como a organização de algo que será matriz das relações do sujeito com o Outro e com seu ego em uma dinâmica de desejo. Essa

fase estrutura a história do sujeito, é um drama no qual a angústia do corpo dividido é substituída pela imagem do corpo como totalidade. Totalidade esta que faz face ao corpo infantil imaturo. O olhar libidiniza, subjetiva, retira do registro de um simples pedaço de carne e “imprime corporeidade”.

Dizendo de outro modo, se os objetos primários não espelharam e não contiveram a experiência precoce de incongruência entre o corpo dado e a experiência subjetiva do gênero, o corpo permanece não-mentalizado, algo que perturba a coerência do *self* e leva à busca por eliminar a incongruência.

A identidade sexuada é composta de gênero que é social, corpo que é sexuado, e sexualidade, que envolve o desejo implicando o psíquico.

As questões colocadas por esses jovens “em transição” que nos causam perplexidade nos obrigam a repensar a ordenação patriarcal multimilenar do masculino e do feminino, pois presenciamos já há algum tempo o declínio social da figura paterna e a promoção do matriarcado (Lebrun).

As manifestações da sexualidade humana estão relacionadas aos processos identificatórios e indissociáveis da trama edípica familiar.

Freud, já em 1925, afirmara, que “todos os indivíduos humanos, como resultado de sua disposição bissexual e da sua dupla herança, combinam em si mesmos ambas as características: masculina e feminina, de modo que a pura masculinidade ou feminilidade resultam em construções teóricas de conteúdo incerto”. Freud já afirmava a dificuldade em se definir “masculino” e “feminino” e foi pioneiro ao rejeitar a realidade anatômica como destino.

Encontramo-nos no clássico debate sobre natureza x cultura. De fato, essa questão esconde uma outra ainda mais velha, que é a das primitivas origens da espécie humana.

»
devemos ter clara a impossibilidade de qualquer acesso à representação do “normal” e a necessidade de ressignificar o patológico, aceitar e escutar o diferente

Não há parâmetros capazes de definir, de uma vez por todas, algo como a essência da masculinidade e feminilidade.

Nossas formulações sobre sexo, o que entendíamos sobre gêneros e as palavras que usávamos terão que ser ressignificadas se pretendemos acompanhar o movimento da nossa clínica e da sociedade como um todo.

Palavras como: paradigmas e matrizes, construção, desarticulação e articulação, reformulação, mudanças, fronteiras, filiação, futuro do complexo de Édipo, genealogia; devem permear nossas reflexões.

Devemos ter clara a impossibilidade de qualquer acesso à representação do “normal” e a necessidade de ressignificar o patológico, aceitar e escutar o diferente. Não temos fórmulas nem garantias no desdobramento das mudanças que vivemos, porém precisamos fazer vigorar o comprometimento ético da psicanálise; isto é, encontrar formas de trabalhar com o mal estar humano, e que os novos paradigmas nos levem a pensar as novas relações com o pulsional.

Referências

- D'Angelo R. O homem que eu gostaria de ser não sou eu, tradução Tania M. Zalcberg, in *Livro Anual de Psicanálise* vol. xxxvi – São Paulo: Editora Escuta – pág. 118-141, 2022.
- Freud S. (1905) Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- Freud S. (1923) A organização genital infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 273-286. Rio de Janeiro: Imago. (original publicado em 1925), 1996.
- Gomel S.; Matus, S (2011) *Conjeturas psicopatológicas: Clínica Psicoanalítica de Família e Pareja*, Buenos Aires: Psicolibro Ediciones.
- Lacan J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu, tal como nos foi revelado na experiência analítica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p.96-103
- Lacan J. (1953) "O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose", in *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.9-44.
- Lacan J. (1928) Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- Lacan J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 29- 90.
- Lebrun J-P. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.
- Lebrun J-P. *Um mundo sem limites*. Ed. Companhia de Freud, 2004.
- Lemma A. *Identidades Trans-Itórias*, tradução Tania M. Zalcberg, in *Livro Anual de Psicanálise*, vol. xxxiv – 1. São Paulo: Escuta, 2020, p. 175-194
- Melman C. *L'homme sans gravité: jouir à tout prix*. Paris: Denoël, 2002.
- Roudinesco E. *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Tort M. *Fin del dogma paterno*. Buenos Aires: Paidós. 2008.
- Urribarri F. O pensamento clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças no trabalho do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(3),47-64, 2012.
- Zafropoulos M. *Lacan et Lévi-Strauss: Ou le retour a Freud (1951-1957)*. Paris: PUF, 2008.
- Zizek Slavoj. *O absoluto frágil*, trad. Rogério Bettoni, São Paulo: Boitempo, 2015.
- Zizek Slavoj. *O sujeito incômodo*, trad. Luigi Barichello. São Paulo: Boitempo, 2016.

Family, adolescence and trans-identities

Abstract The authors propose a reflection on identity anxieties, common in adolescence and their interrelationship with experiences in previous family life. The individual consultations of two adolescents and their mothers were carried out by the authors and will be identified by the personal initials of the professional who carried out the clinical work.

Keywords Adolescence, gender dysphoria, identity.

Texto recebido: 05/2023

Aprovado: 06/2023